Nuno Sousa Vieira pergunta ao espectador pelas formas que hoje a obra da arte pode tomar, sem paternalismos ou programa

Onde está a obra de arte?

Uma exposição em dois momentos e em dois espaços que desafia o espectador a meditar sobre a circulação, a experiência e a imaterialidade do objecto artístico. *José Marmeleira*

Sala de Exposição
De Nuno Sousa Vieira.

Lisboa. Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Av. 5 de Outubro, 6/8. Tel.: 213540823. 3ª das 14h às 18h; 4ª a Dom. das 10h às 18h. Até 18/05.
Lisboa. Galeria Graça Brandão. R. dos Caetanos, 26A. Tel.: 213469183. 3ª a Sáb. das 12h às 20h. Até 18/05.

Instalação. Outros.

★★★★★

Organizada em dois em dois expaços expositivos (Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves e Galeria Graça Brandão), *Sala de Exposição*, de Nuno Sousa Vieira, agrega uma série de predicados e questões que à partida podiam parecer inconciliáveis. É auto-referencial mas dependente de uma realidade exterior. Foi elaborada com os conceitos estritos da arte, mas permite produzir discurso sobre o quotidiano de um contexto de produção que não o artístico. Obedece a um primado conceptual, mas não exclui (pelo contrário) a presença de um fazer oficinal, dir-se-ia mesmo artesanal.

Para se perceberem estas coexistências diga-se que Nuno Sousa Vieira usa o atelier enquanto tema, material, fonte de reflexão e inspiração do seu trabalho. Trata-se de um uso repetido, renovado e determinado por laços afectivos construídos ao longo da vivência pessoal de um lugar. As estruturas (janelas, portas), os objectos (cadeiras, mesas) ou a documentação que o artista tem encontrado e transfigurado no seu atelier pertencem às antigas instalações da Fábrica de Plásticos Simala (em Leiria), onde o pai trabalhou e que ele próprio visitou e conheceu durante a infância e a adolescência. O seu trabalho solitário, individual, soberano cruza-se, assim, com as memórias e a histórias de um espaço entretanto tornado devoluto.

Nesta exposição, contudo, a relação com o espaço de trabalho assume contornos mais complexos. No piso superior da galeria, o artista representa a sala de exposição da Fábrica, parte integrante do seu atelier (e onde os produtos eram apresentados aos clientes), numa instalação de duas paredes de madeira. Da parede exterior recorta-se uma prateleira sobre a qual se podem consultar a planta e uma fotografia da sala. E vão-se estabelecendo correspondências: o verde que cobre a parede é o mesmo da sala de exposição e a planta enfatiza essa condição. Mas restam ainda outra imagem fotográfica e dois enigmáticos objectos. Comecemos por estes: são sólidos paralelepípedos feitos de plástico onde se descortina o logo da Simala. Para além da alusão a fabrica, não se entrevê outra razão para semelhante presença, mas na parede interior descobrem-se duas grandes fotografias que documentam uma garrafa antes e depois de um teste de resistência de materiais. A relação desvela-se: os objectos reproduzem a escala real e a matéria-prima das garrafas fotografadas. Representam-nas, como a fotografia representa a sala de exposição. E a outra fotografia? A outra fotografia documenta, se assim pode dizer, a instalação *An Invisible Hour*, que Nuno Sousa Vieira destruiu para edificar de *Sala de Exposição*.

Não é frequente um artista assumir a destruição de um trabalho antigo como condição *sine qua non* para a criação de um novo trabalho (neste caso, aproveitando a madeira), mas os processos de Nuno Sousa Vieira obedecem a uma reflexão profunda sobre a circulação, a experiência e a imaterialidade da obra de arte. Interessa-lhe pensar a pertença, a memória e a percepção dos objectos artísticos, nem que para isso tenho que confundir as expectativas do espectador. Veja-se *Peça para guardar*, um plinto que não sustenta, antes contém no seu interior a obra (a porta da sala da exposição, dobrada sobre si mesma). Ou, sobretudo, as peças patentes na Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Aqui é a própria exposição da galeria que é objecto de uma representação por meio de uma fotografia, dois bancos (um de vigilante e outro para apreciação das obras, que o artista concebeu a partir da peça destruída) e desenhos da maqueta de *Sala de Exposição*. Por vezes, nos impasses que cria e na disponibilidade intelectual que solicita, este trabalho pode ser exasperante, mas não há um guião para a sua experiência. Nuno Sousa Vieira limita-se a perguntar ao espectador pelas formas que hoje a obra da arte pode tomar, sem paternalismos ou programa, e assegurando um ligação ao quotidiano, ao mundo exterior, que excede o campo artístico. As obras que ocupam o piso inferior da Graça Brandão são exemplares desse duplo gesto, transfigurando objectos, actividades e práticas que já não existem na fábrica onde hoje o artista trabalha. São também elas representações, representações um de lugar que despareceu: a antiga Simala.